

Tales Faria

Afastamento entre Tarcísio e Kassab: anotações de Flávio revelam motivo

Pré-candidato a presidente da República, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) abandonou na sala em que se reuniu com integrantes da cúpula do partido, nesta terça-feira 24 em São Paulo, uma listagem impressa com anotações de próprio punho sobre sua estratégia para alianças que pretende montar nos estados.

Participaram dessas conversas o coordenador da campanha de Flávio, senador Rogério Marinho (PL-RN), e o presidente nacional do partido, Valdemar Costa Neto.

O descuido acabou vazando e revelou um enigma do mundo político que poderá ter influência decisiva nas eleições de outubro: o motivo do afastamento entre o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o seu poderoso secretário de Governo e de Relações Institucionais, Gilberto Kassab, que também é presidente nacional do PSD.

A listagem tem como título “Situação nos estados” com uma anotação de Flávio logo no início: “Ligar Para Tarcísio”.

O texto revela possíveis candidatos à vaga de vice na chapa pela reeleição de Tarcísio. O nome do atual vice-governador, Felício Ramuth (PSD), que estava praticamente certo na chapa, aparece ligado por uma seta apontando a um “\$”.

Ramuth é do partido de Kassab e aparentemente perderá a vaga. Ele é alvo de uma investigação sobre lavagem de dinheiro, mas nega ter cometido qualquer irregularidade.

Abaixo, há uma pergunta: “André do Prado vice?”, em referência ao presidente da Assembleia Legislativa, que é do PL.

O deputado Guilherme Derrite (PP), muito identificado com o bolsonarismo, é um dos candidatos ao Senado na chapa, mas o segundo nome elencado pela cúpula do PL também deverá ser escolhido pelo clã do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O rascunho traz escritos à mão cinco possíveis candidatos: Renato Bolsonaro, irmão do ex-presidente, Mario

Frias, Eduardo Bolsonaro (que está inelegível, mas considera que ele é quem deve escolher o candidato ao Senado), Ricardo Mello Araújo e Marco Feliciano.

Ou seja, as escolhas não passam pelo PSD nem por Gilberto Kassab. E não é só isso.

As anotações indicam total descrença da cúpula do PL a respeito da montagem da chapa em Minas Gerais tendo como candidato o vice-governador Mateus Simões, trazido ao PSD por Kassab. Simões leva a seguinte observação de Flávio Bolsonaro: “me puxa para baixo se for candidato”.

O PL de Flávio Bolsonaro contava com o deputado federal do partido Nikolas Ferreira, mas ele não quer concorrer ao Executivo. Os bolsonaristas, então, segundo as anotações, preferem lançar Flávio Roscoe, presidente da Fiemg (Federação das Indústrias de Minas Gerais), a apoiar o nome do PSD de Kassab. Ao lado de Roscoe está escrito “conversa com Nikolas”.

O senador Carlos Viana (Podemos), o secretário estadual Marcelo Aro (PP) e os deputados federais Eros Biondini (PL) e Domingos Sávio (PL) estão listados como candidatos ao Senado. Apenas Viana e Sávio têm um traço feito à caneta de endosso ao lado do nome.

A listagem mostra uma concordância com um nome do PSD para chefe do Executivo: a governadora Raquel Lyra (PSD) é apontada como escolha dos bolsonaristas. Mas tem um motivo para essa concordância: as anotações do rascunho indicam que Raquel Lyra apoia o deputado Mendonça Filho para o Senado e que ele poderá trocar o União Brasil pelo PL.

Kassab já reclamou com Tarcísio de que a estratégia da família Bolsonaro pelo país prejudica os partidos aliados nesses estados, como também está ocorrendo em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. O governador levou a Bolsonaro a reclamação e ouviu como resposta que Kassab não é aliado, pois está lançando três pré-candidatos contra Flávio Bolsonaro. O governador, então, está tendo que escolher de que lado ficar.

Victor Corrêa*

Quando você não sabe o que sente

Ela tinha quase 60 anos quando descobriu que o que sentia tinha nome. Durante anos, chamou de cansaço. De nervosismo. De fase difícil. Só mais tarde alguém lhe disse: “O que você tem é depressão.” Foram quatro décadas até que alguém nomeasse aquilo que tantas vezes lhe tirou o ar.

Dona Maria tem hoje 65 anos. Desde os 15, queixava-se de crises súbitas de sufocamento. Perdeu a conta de quantas vezes acreditou que estava morrendo. Em cada episódio, esperava que a respiração desacelerasse e que o coração deixasse de bater tão forte. Na adolescência, lembra-se da própria mãe acariciando suas mãos, numa tentativa de fazer aquilo passar. Naquela época, nos anos 70, o que hoje chamamos de transtorno era tratado apenas como “sistema nervoso”.

Dona Maria sempre cuidou dos outros. Um dia, precisou ser cuidada. Pouco antes de completar 60 anos, a conta chegou sem aviso prévio. Enquanto molhava as plantas no quintal — rotina que sempre lhe deu prazer e equilíbrio — a sensação de sufocamento a levou para a cama. Dali não saiu por pelo menos uma semana. Algumas das plantas não resistiram àqueles dias de ausência.

O diagnóstico veio depois. As crises que atravessaram sua vida, repetidas e nunca tratadas, acabaram evoluindo para um quadro depressivo mais intenso.

Estudos em saúde mental mostram que quanto maior o tempo de um transtorno sem tratamento, maior o risco de agravamento, recorrência e prejuízo funcional. O que começa como um quadro leve pode se tornar incapacitante quando atravessa anos sem diagnóstico.

No Brasil, pouco falamos sobre o que sentimos. É como se não fosse permitido sofrer — ou sequer reconhecer o que se sente. A Organização Mundial da Saúde alerta que uma parcela significativa das pessoas com transtornos mentais não busca tratamento não apenas por falta de serviços, mas por estigma e dificuldade de reconhecer os próprios sintomas. A Comissão da revista

médica The Lancet sobre estigma e discriminação reforça que o preconceito atua como barreira concreta ao cuidado, empurrando diagnósticos por anos.

Evidências internacionais apontam que o chamado self-stigma — a internalização de crenças negativas sobre sofrimento mental — está associado à demora em buscar tratamento. Mesmo diante de sinais claros, muitos adiam a procura por medo de serem rotulados.

Em grande parte dos casos, o atraso em reconhecer um transtorno não tem a ver apenas com a oferta de serviços de saúde. Tem a ver com nossa dificuldade de nomear o próprio sofrimento — e com estigmas culturais que ainda insistem em tratar dor psíquica como fraqueza.

É natural dizer que se vai ao dentista. Mas ao psiquiatra? Ainda há silêncio. Ainda há vergonha. Campanhas pontuais têm seu papel. Mas não bastam. Saúde mental precisa ser tratada como política permanente — com informação clara, comunicação contínua e estímulo à busca por ajuda antes que o sofrimento se torne incapacitante.

Hoje, em acompanhamento psiquiátrico regular e com medicação adequada, aquilo que antes a paralisava já não ocupa o centro de sua vida. O quintal voltou a ganhar cor. Dona Maria nunca mais deixou de regar o jardim. Diz que o cuidado diário lhe devolve equilíbrio quando a tristeza ameaça reaparecer.

Pesquisas internacionais confirmam que o contato frequente com a natureza está associado à redução de sintomas de depressão e ansiedade. Nomear o que se sente é o primeiro passo para qualquer tipo de tratamento. Um diagnóstico não é uma sentença. É um mapa. Ninguém deveria caminhar no escuro sem saber o nome da própria dor.

***Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas pela Fundação Getulio Vargas**

EDITORIAL

Trinca de exposições no Museu do Ingá

O Museu do Ingá, em Niterói, vive um momento de intensa programação cultural com três exposições simultâneas em cartaz, ocupando diferentes ambientes do equipamento gerenciado pela Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj) e afirmando seu papel como referência em arte, patrimônio e memória no Estado do Rio de Janeiro.

O público pode visitar “O Ingá e suas Coleções”, de Marcus Lontra, “Quem Sou?”, de Bê Sancho, e a exposição permanente “Gabinete dos Governadores”, que apresentam um panorama da atuação do museu na preservação do acervo histórico, no incentivo à produção artística contemporânea e na valorização da memória política fluminense.

Com curadoria de Marcus Lontra, a exposição “O Ingá e suas Coleções” apresenta um recorte significativo dos acervos sob a guarda do museu, reunindo obras de artistas consagrados como Di Cavalcanti, Candido Portinari e Carybé. A mostra reúne peças das coleções Palácio Nilo Peçanha, Artes e Tradições Populares e Banerj, ocupando todos os espaços expositivos do prédio histórico.

Entre os destaques está a obra Gente da Ilha, de Di Cavalcanti, que simboliza a importância do Museu do Ingá como guardião de parte fundamental da história e da arte fluminense. Ao propor uma imersão no acervo e na arquitetura do museu, a exposição traz diver-

sidade, riqueza e a relevância do patrimônio preservado pela instituição.

A exposição “Quem Sou?”, do artista Bê Sancho, propõe um percurso que aborda infância, memória e autoconhecimento a partir do diálogo entre artes visuais e literatura. As pinturas apresentam traços marcantes, uso simbólico das cores e composições que transitam entre o figurativo e o imaginário, convidando o público a fazer reflexões.

Autodidata, professor e pesquisador, Sancho desenvolve uma poética marcada pela valorização da cultura popular brasileira e do pertencimento humano, evocando personagens do cotidiano, figuras míticas e relações afetivas.

Instalada no antigo gabinete do Palácio do Ingá, sede do governo fluminense entre 1904 e 1975, a exposição permanente “Gabinete dos Governadores”, com curadoria de Fátima Gonçalves, apresenta objetos, mobiliário e documentos que ajudam a compreender a história política do Estado do Rio de Janeiro ao longo do século XX.

A mostra percorre o período de Nilo Peçanha a Raimundo Padilha e contextualiza transformações políticas e administrativas do estado, incluindo a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1974. O espaço convida o público a uma imersão na memória política fluminense e nos legados deixados pelos representantes estaduais.

Opinião do leitor

Solidariedade

Minha solidariedade à população de Minas Gerais, especialmente àquelas famílias que perderam vidas e suas casas, oremos.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.